

AGULHON, Catherine; XAVIER DE BRITO, Angela (Orgs.).
Les étudiants étrangers à Paris: entre affiliation et repli. Paris: L'Harmattan, 2009.

Nadir Zago*

Ao ler o livro *Os estudantes estrangeiros em Paris: entre afiliação e repli*¹, organizado pelas pesquisadoras Catherine Agulhon e Ângela Xavier de Brito, Paris, Universidade René Descartes – Cerlis, não pude deixar de lembrar minhas experiências de doutorado na França. Foi uma grata satisfação ver o resultado desse trabalho coletivo que trata da categoria de estudante no exterior, um tema de estudo relativamente recente na Sociologia da Educação.

Nas décadas de 1960-1970, os estudantes estiveram no centro das pesquisas macrosociológicas voltadas às desigualdades escolares, mas tinha-se pouco conhecimento sobre esse grupo social, uma vez que o foco da atenção voltava-se para a condição de classe e sua relação com o desempenho escolar. Nas últimas décadas, renovações tanto nas temáticas quanto nas questões teórico-metodológicas sobre a problemática das desigualdades de escolarização segundo as classes sociais, contribuíram para que os estudantes ocupassem um novo lugar nos estudos sociológicos em educação e as pesquisas se encaminhassem para abordagens menos escolarizadoras. Em relação à Sociologia da Educação francesa, Queiroz (1995, p. 81)² observa que tal mudança de perspectiva fortaleceu o interesse por temas antes julgados pouco significativos, alguns relativos ao espaço escolar, outros voltados para opiniões, gostos, imagens identitárias por meio das quais os jovens constroem suas experiências.

* Doutora em Educação pela Université René Descartes (Paris V - França); Professora Aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e, atualmente, professora Stricto Sensu da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ). E-mail: nadirzago@uol.com.br

Dentro desse quadro de renovação na pesquisa sociológica, questões até então pouco investigadas ganharam maior visibilidade, como, por exemplo, as ações empreendidas pelos estudantes, suas trajetórias e estratégias de investimento escolar e profissional, mas também suas experiências sociais e de vida. O que dizer dos estudos que se interessam por um grupo específico representado pelo estudante em país estrangeiro? Que razões os mobilizam para realizar uma etapa de sua formação no exterior? Quem são e por que escolhem a França como país de destino? Qual o modo de integração nesse novo contexto social, cultural e acadêmico? Questões como essas, entre outras, são tratadas no livro.

A França tem historicamente uma tradição em receber estudantes originários de vários países. Embora tenha perdido a liderança mundial que ocupava até o início dos anos 90 (p. 7 e p. 25), detém ainda lugar importante, que é representado pela quarta posição na concorrência internacional, atrás dos Estados Unidos, do Reino Unido e da Alemanha. Como observam as organizadoras, as políticas de atração de estudantes estrangeiros não pararam de crescer nos últimos anos. Essa mobilidade internacional de estudantes suscita várias questões teóricas relativas a um tipo particular de migração da população, como também o debate sobre a concorrência internacional entre os países ocidentais e a polêmica em torno da chamada “fuga de cérebros”. É no cenário mais global desse universo estudantil e com o objetivo de conhecer trajetórias, experiências e modos de afiliação acadêmica, social e cultural que o livro foi organizado.

A publicação compreende uma coletânea de textos apoiados em resultados de pesquisas durante dois anos (2006-2007), com 120 universitários procedentes de vários países, matriculados em cursos de diferentes áreas de graduação e pós-graduação de universidades francesas, em sua maioria parisienses.

Entre seus méritos, o livro contextualiza, com propriedade, o movimento internacional dos estudantes e sua articulação com as políticas de estímulo, particularmente em países desenvolvidos. Como observa Eric Plaisance, no Prefácio, a orientação teórica é de um trabalho que não considera “as migrações de estudantes isoladamente, como um setor à parte”, mas no seio da problemática da internacionalização dos estudos e no contexto mais global das políticas “sobre a circulação internacional dos saberes e dos indivíduos, visando à formação das elites” (p. 7-8).

A coletânea, fruto de um trabalho cuidadoso de organização, garante uma unidade temática e metodológica pautada na problemática da migração estudantil. Não se trata de uma simples reunião de artigos sobre o assunto. O fio condutor, apoiado em um conjunto de temas centrais (nacionalidade, origem social e cultural, financiamento e condições de estudo, trajetórias escolares e culturais dos estudantes, projeto internacional de estudo, formas de adaptação/integração ao novo contexto social, cultural e educacional do país de destino), permite ao leitor obter uma visão de conjunto e, ao mesmo tempo, estabelecer relações comparativas, segundo as diferentes nacionalidades e suas identidades.

Os resultados das pesquisas são apresentados nos seguintes capítulos.

“No peito e na raça. A experiência de brasileiros não bolsistas em Paris”, de Ângela Xavier de Brito. Como indica a autora, a relação do Brasil com a França na formação das elites acadêmicas brasileiras não é recente (seu início data do século XVII) e o fluxo de estudantes nessa direção é cada vez mais numeroso (p. 41). O artigo se voltou para um grupo específico de estudantes no exterior: os não-bolsistas, pertencentes à elite brasileira ou em ascensão social, inscritos nas ciências humanas e sociais. Assinala igualmente fenômenos crescentes como a feminização, desde o final de 1990, assim como a maior precocidade etária, tanto de bolsistas quanto de não-bolsistas.

“A adaptação social e escolar de estudantes argentinos na França”, de Jimena Pereyra. O artigo mostra as relações estreitas entre as dimensões sociais e escolares de um país que tem forte proximidade histórica com a Europa. Os dados fazem parte de uma pesquisa sobre o modo de adaptação (social e escolar) de estudantes de pós-graduação, em sua grande maioria não-bolsistas, inscritos em diferentes universidades francesas e áreas de conhecimento.

A experiência social e acadêmica dos estudantes chineses é tratada em dois artigos: “Os estudantes chineses em Paris: uma afiliação parcial”, de Catherine Agulhon, e “Os estudantes chineses nas Grandes Écoles³. Uma visão de excelência”, de An Yan. Entre as questões estão as que seguem: conhecendo o histórico de pouca proximidade cultural entre a China e a França, o que motiva a escolha da França como local de formação? Quais são os projetos dos estudantes e como eles se adaptam à sociedade francesa e ao seu sistema de ensino? Quem são os estudantes chineses que frequen-

tam “Les Grandes Écoles”, local de formação das elites? O primeiro artigo levou em conta um grupo mais heterogêneo para conhecer o percurso no país de origem, sua trajetória na França (escolar, material e social), bem como seus projetos e seu modo de aculturação, enquanto o segundo é resultado de uma pesquisa com um grupo específico de estudantes chineses, os que frequentam instituições de grande concorrência acadêmica.

“Mulheres africanas: uma mobilidade recente”, de Caroline Agenet. Como bem-observado, é notório o aumento de estudantes africanas que frequentam universidades francesas. O artigo trata das experiências passadas e presentes de universitárias de países africanos, principalmente do Mali e Burkina Faso. A autora examina as condições específicas nas quais se apoia o projeto de estudo dessas mulheres no quadro mais global da migração (político, econômico, social e das relações históricas entre os países) e das condições de vida (financiamento, adaptação socio-cultural, entre outras).

“Estudantes estrangeiros em Paris: entre cultura de origem e cultura de recepção”, de Virginie Duclos. O artigo está centrado no julgamento e na avaliação que fizeram estudantes, de diferentes nacionalidades, acerca de questões relacionadas à cultura dos locais de origem e do país de destino. Trata igualmente das condições de vida e dos projetos de estudo. Mediante análise comparativa, destaca convergências e diferenças nas formas de percepção e integração, segundo a origem geográfica e o gênero.

Nesta resenha, meu objetivo não foi apresentar uma síntese de cada um desses artigos, mas indicar algumas tendências dos seus resultados. Destaco, em especial, aquelas que permitem observar aproximações e diferenças entre estudantes, segundo as nacionalidades. No que concerne à aproximação, há um leque de dimensões que podem ser identificadas com certa recorrência, independentemente do grupo estudado. Entre elas é possível reconhecer dificuldades no processo de adaptação enfrentadas pelos estudantes, geralmente associadas às diferenças culturais e linguísticas, mas também relativas à cultura acadêmica e às tramitações administrativas, como, por exemplo, para obter o documento oficial de residente. Há também recorrência quando se trata das motivações de ordem pessoal que apoiam o projeto de estudo e as razões da escolha do país de destino.

Na aparente similaridade dos resultados, variações podem ser observadas segundo a origem socioeconômica e a condição estudantil de bolsistas e aqueles que não detêm uma bolsa de estudo. A realidade do

último grupo é particularmente explorada no artigo de Ângela Xavier de Brito. Segundo a autora, a situação frente ao financiamento dos estudos e a sobrevivência no exterior são clivagens de distinção desse grupo, cujas diferenças estruturam a vida acadêmica, social e cultural e mantêm bolsistas e não-bolsistas em dois mundos à parte. Os demais textos reúnem tanto bolsistas quanto não-bolsistas. Como no grupo de brasileiros, aqueles de outras nacionalidades não fazem parte de um grupo homogêneo. Segundo a condição social, o financiamento dos estudos depende da ajuda familiar, das economias pessoais e de trabalhos temporários.

Quanto ao projeto internacional de estudo, as decisões não seguem igualmente as mesmas lógicas: ele pode ser elaborado no curso de um longo tempo; ser resultado de experiências anteriores em país estrangeiro; ou de um momento mais pontual de insatisfação. No entanto, as autoras evidenciam que as razões que movem os estudantes nesse projeto não são apoiadas em uma única causa, mas em causas combinadas que incluem, entre outras, políticas de incentivo com programas de bolsas de estudo, qualidade do ensino, custo dos estudos, prestígio do diploma estrangeiro, projetos profissionais, histórico escolar e pessoal (como, por exemplo, viagens e relações sociais privilegiadas no exterior). As razões são pessoais, internas ao país de origem e externas, e é nesse quadro mais global que é possível também encontrar respostas para o crescimento do fluxo da imigração de estudantes.

As modalidades de adaptação e integração à vida acadêmica e à sociedade francesa representam dimensões importantes das pesquisas em questão. Como observa Catherine Agulhon, “esta integração ganha sentidos e modalidades diferentes segundo as origens nacionais, culturais e sociais dos estrangeiros, segundo igualmente seu projeto de vida” (p. 136). O grau de proximidade linguística e cultural com o país de destino, assim como as relações históricas mais ou menos estreitas com a França, e, igualmente, as práticas acadêmicas do país de destino (administrativas, pedagógicas, recepção dos estudantes) são condições relevantes nesse processo na medida em que “facilitam ou complexificam a afiliação, aculturação e integração desses jovens” (p. 37).

Jimena Pereyra, que estudou o processo de adaptação de estudantes argentinos na França, observa relações estreitas entre as dimensões sociais e escolares de um país que tem forte proximidade histórica com a Europa. Conclui que as experiências no exterior, incluindo residência, via-

gens ou outras formas de contato com países estrangeiros, e ainda a formação em instituição francesa localizada no país de origem, são, entre outras, condições que favorecem uma atitude de maior abertura com outros países e a capacidade de adaptação a uma nova experiência. O artigo de Caroline Agenet também destaca a influência das relações históricas entre a França e as antigas colônias e a familiaridade linguística na aproximação ao sistema escolar. Antes da migração, a maior parte de suas entrevistadas estudou em instituições francesas nos seus países de origem. Se essa imersão escolar, entre outras condições favoráveis acima citadas, tem papel importante na elaboração do projeto de migração, elas não impedem certa desorientação e uma integração social frequentemente parcial no país de destino.

A dificuldade de integração parece maior entre estudantes provenientes de países com menor proximidade linguística e cultural, como no caso da China (p. 107). O êxito escolar, marcadamente presente entre os estudantes chineses que frequentam “Les Grandes Écoles”, não garante maior inserção na vida social fora do universo acadêmico. No entanto, tanto neste caso quanto naqueles de outras nacionalidades, as avaliações não são polarizados no sentimento de desorientação ou barreira, na medida em que o legado da experiência ganha valor importante. Para a maioria, a estada no exterior representa uma “imersão valorizada” positivamente tanto em relação à formação acadêmica quanto à experiência de vida.

A imersão subjetiva ao novo contexto é lenta, pois, como observam as organizadoras do livro, “viver em uma sociedade estrangeira implica decodificar as normas e os valores e se adaptar à cultura do país (...)”. Acrescentam que essa compreensão intercultural e a adaptação implicam, da parte do migrante, uma mudança profunda sobre si mesmo (p. 16). Ou ainda, conforme Pereyra, o desafio para o êxito na adaptação escolar “consiste em se apropriar de um novo habitus acadêmico...” (p. 92).

Com esse panorama internacional sobre as experiências acadêmicas e de vida, as autoras oferecem contribuições importantes para o campo da pesquisa sociológica com estudantes, tanto por tratar do tema da internacionalização dos estudos, que, conforme já observado, tem pouca produção na Sociologia da Educação, quanto por problematizar a categoria de “estudante estrangeiro”. Longe de construir uma caracterização genérica desse grupo social, os artigos, apoiados em realidades históricas, sociais e culturais particulares, mostram que, apesar das seme-

lhanças encontradas, os estudantes recobrem uma diversidade de situações, tanto no plano do histórico sociocultural e escolar anterior à migração quanto das experiências sociais e acadêmicas, estratégias de sobrevivência e enquadramento institucional no país de destino. A coletânea de textos certamente pode contribuir para os estudos sobre prolongamentos escolares além continentes e, quem sabe, fornecer elementos às políticas de bolsas de estudos.

NOTAS

- 1 *Repli* tem aqui o sentido de fechamento sobre si e sobre sua própria cultura.
- 2 QUEIROZ J.M. de. *L'école et ses sociologies*. Paris: Nathan, 1995.
- 3 No sistema de ensino francês, Les Grandes Écoles são estabelecimentos de ensino superior que oferecem formação de alto nível e recrutam alunos por concurso.

Recebido: 26/11/2010
Aprovado: 13/12/2010

Contato:
nadirzago@uol.com.br

